

Gansos selvagens (*Trechos*)

Mori Ôgai

Tradução: Samara Leonel Wild¹

Revisão: Meiko Shimon²

CAPÍTULO I

Esta história aconteceu há muito tempo. Mas, casualmente, lembro-me que foi no décimo terceiro ano do reinado do Imperador Meiji³. A data me ocorre tão precisamente porque nesta época eu estava na pensão dos Kami-jô, bem em frente ao portão de ferro da Universidade de Tokyo, e porque meu quarto era vizinho ao do herói desta história. Quando o lugar incendiou-se, no décimo quarto ano, queimando por completo, eu era um dos que perderam todos os seus pertences. O que vou escrever, lembro-me bem, passou-se exatamente um ano antes do incêndio.

Quase todos os hóspedes do Kami-jô eram estudantes de medicina, com exceção de uns pacientes que faziam tratamento no Hospital Universitário. Minha experiência mostra que em uma residência deste tipo normalmente tem alguém mais influente entre seus hóspedes, devido à disponibilidade financeira e perspicácia. Quando este passava pelo corredor ante o quarto da proprietária, que se instalava rente ao braseiro⁴ com armação de madeira, sempre fazia questão de cumprimentá-la, sentava às vezes a sua frente e, então, conversavam sobre amenidades. Algumas vezes, quando fazia festas regadas de saquê em seu quarto e pedia que ela preparasse os aperitivos, ele parecia preocupado apenas consigo mesmo, mas na realidade tinha o cuidado de proporcionar ao senhorio alguma compensação pelos seus esforços. Normalmente, este tipo de homem ganha respeito dos colegas e toma vantagem disso, sobrepondo-se aos outros. No entanto, meu vizinho de quarto, que também tinha certo poder em Kami-jô, era um tipo de homem completamente diferente.

¹ Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

² Professora Assistente do Setor de Japonês do Instituto de Letras – UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP. Doutoranda em Literatura Comparada pelo Instituto de Letras – UFRGS.

³ Equivalente a 1880. (Nota do T.)

⁴ Braseiro: uma caixa ou pote de madeira, metal ou cerâmica, contém espessa camada de cinzas onde é colocada a brasa. Serve como estufa, mas, sobretudo, para aquecer as mãos.

Esse estudante, chamado Okada, era um ano mais novo do que eu, portanto, estava ainda longe de sua formatura. Para falar de sua personalidade, devo começar por uma característica marcante. Com isso, quero dizer que era um belo homem. Mas não no sentido de ser pálido e elegantemente esguio. Tinha a pele corada e uma constituição forte. Dificilmente encontraria outro homem com um rosto tão singular. Forçado a fazer uma comparação, alguém que se assemelhava a Okada era o jovem Bizan Kawakami⁵ (trata-se daquele escritor que caiu na miséria e morreu tragicamente). No entanto, o físico de Okada, que praticava remo nessa época, superava largamente o do escritor Kawakami.

Uma boa aparência pode dar vantagem às pessoas, mas não é suficiente para alguém ser influente numa pensão. Assim, falando quanto ao comportamento de Okada, duvido que haja alguém que levasse uma vida tão equilibrada quanto ele. Não era estudioso a ponto de tentar a nota máxima a cada trimestre acadêmico, ansiando por uma bolsa de estudos. Okada se esforçava o quanto julgava necessário, jamais ficando abaixo da média da sua turma. E, em seu tempo livre, procurava se divertir. Após o jantar, que era servido ao entardecer, invariavelmente dava um passeio, retornando rigorosamente antes das dez. Aos domingos, praticava remo ou emprendia uma longa caminhada. Exceto quando se reunia à equipe de remo para a concentração antes de uma competição, ou quando retornava à sua casa no interior para as férias de verão, os horários do meu vizinho de quarto, quando estava ou se ausentava, jamais se alteravam. Sempre que algum hóspede esquecia de acertar o relógio pelo sinal do meio-dia⁶, ia até o quarto de Okada para fazê-lo. Ocasionalmente, o próprio relógio do escritório dos Kami-jô era acertado pelo relógio de bolso de Okada. Quanto mais o observávamos, mais forte se tornava a impressão de ser ele realmente uma pessoa séria. O elogio da madame para Okada, ainda que ele não se esforçasse em agradar à proprietária, nem fizesse gastos exagerados, estava baseado na confiança que inspirava. É desnecessário dizer que um dos motivos para isto era o fato de pagar o aluguel com regularidade.

Ela sempre dizia: "Vejam só o Sr. Okada!".

Porém, antecipando suas palavras, alguns estudantes diziam: "De qualquer modo, eu não consigo ser como ele". Dessa forma, com o passar do tempo ele acabou se tornando o hóspede padrão da casa.

Okada mantinha rotas regulares para as suas caminhadas diárias. Ia por uma solitária ladeira chamada Muenzaka e contornava o lado norte

⁵ Bizan Kawakami (1869-1908). Romancista que adotou um estilo de expressão subjetiva.

⁶ Sinal do meio-dia. Nesta época, o exército disparava o canhão ao meio-dia no quartel-general.

do lago Shinobazu, no ponto onde desembocavam as águas escuras do arroio Aizome⁷, e, então, subia a colina do parque Ueno. Em seguida, descia para a avenida, onde havia vários restaurantes, inclusive o de carne de ganso selvagem, passando pelo Naka-cho, uma rua estreita e de muita animação, atravessava o recinto do santuário xintoísta Yushima e retornava a Kami-jô, dobrando a esquina do sombrio templo Karatachi. Às vezes, dobrava à direita em Naka-cho e vinha pela ladeira de Muenzaka. Este era um dos percursos. Outras vezes, passava por dentro da Universidade e saía pelo Portal Vermelho⁸. Como o portão de ferro do campus fechasse cedo, ele utilizava uma outra passagem, o portão chamado Nagaya-mon, que servia aos pacientes do hospital universitário. Mais tarde, esse Nagaya-mon foi derrubado e em seu lugar foi construído o atual portão preto, que fica no final da rua Haruki-cho. Indo através do Portal Vermelho, ele seguia pela avenida Hongo, passando em frente a uma casa de doces, na qual pessoas paravam curiosas para ver alguns homens moendo sorgo, e continuava seu passeio entrando no recinto do santuário Kanda. Descia para a ponte Megane⁹, que era novidade naquela época, e caminhava por um curto trecho de Yanagiwara onde se estende uma rua com casas ao longo do rio. Em seu caminho de volta, percorria Onarimichi e atravessava por uma das estreitas ruas laterais do lado oeste, chegando também ao templo Karatachi. Esta era uma rota alternativa. Dificilmente fazia qualquer outro percurso.

Nesses passeios, Okada não fazia nada de especial além de folhear livros em sebos aqui e ali. Mesmo hoje em dia, restam duas ou três dessas lojas na avenida Hirokoji e em Naka-cho. Em Onarimichi, as mesmas lojas permanecem com poucas modificações desde aquele tempo. As de Yanagiwara desapareceram todas. Entretanto, quase todas da avenida Hongo mudaram de endereço e de dono. Nesses passeios, raras vezes Okada dobrava à direita depois de passar pelo Portal Vermelho, porque a maioria das ruas desse lado era demasiado estreita, tornando o trajeto incômodo, além de haver apenas um sebo neste caminho.

Okada fazia esse tipo de parada porque, usando um termo atualmente em voga, ele tinha gosto literário. Contudo, nessa época, as novelas e peças modernas ainda não haviam sido publicadas; em poesia,

⁷ Aizome: literalmente “tintura de azul-índigo”. Nas margens desse arroio se desenvolvia essa atividade.

⁸ Portal vermelho: O portão principal da Universidade Imperial de Tóquio era chamado por este nome por estar pintado de carmim. Ôgai estudou nesta Universidade.

⁹ Megane: óculos. A ponte era chamada assim devido ao vão em arcada dupla.

nem o haikai de Shiki¹⁰, nem o waka de Tekkan¹¹. Então, todos liam revistas como a *Kagetsu Shinshi*, impressa em papel pardo e áspero ou *Keirin Isshi*, em branco, que publicavam poesias. Como eu também fui um leitor aficcionado, lembro-me bem dessas revistas. Foi uma daquelas revistas que começou a publicar a tradução de obras européias. Lembro-me de uma história que falava de um universitário de um país europeu que, no caminho de retorno a sua terra natal, era assassinado. Creio que foi Kôhei Kanda quem traduziu em língua japonesa moderna. Acho que foi meu primeiro contato com a literatura ocidental. Assim era a tendência da época, por isso, o interesse literário de Okada, também, não ia além de se divertir com as criações em poemas de estilo chinês que relatavam acontecimentos da nova época.

Eu não era muito sociável mesmo naquela época e não costumava conversar com os outros estudantes da Universidade sem ter uma boa razão. Mesmo para os hóspedes da pensão, eu raras vezes tirava o boné para cumprimentá-los. Mas tornei-me amigo de Okada por causa dos sebos. Nos meus passeios, não tinha uma rota certa como ele, mas tinha pernas fortes o suficiente para explorar os bairros Hongo até Shitaya e Kanda, parando em cada sebo que se achava no caminho. Nessas ocasiões, freqüentemente encontrava Okada. Não sei qual dos dois iniciou a conversa, mas lembro bem das primeiras palavras ditas com simpatia: “Sempre nos encontramos nos sebos!”

Nessa época, na esquina que ficava na descida da ladeira, em frente ao templo Kanda, havia uma loja de sebo que expunha livros sobre o balcão em forma de L. Um dia, achei um exemplar de *Kinpeibai*¹² e perguntei o preço ao dono, que me respondeu custar sete ienes. Eu disse que pagaria cinco, mas o dono me explicou: “Há pouco, o senhor Okada me ofereceu seis, mas eu recusei”. Casualmente, eu tinha dinheiro suficiente comigo e paguei o quanto pedia. Quando encontrei Okada, poucos dias depois, ele reclamou imediatamente:

— Você foi egoísta. Comprou *Kinpeibai* sabendo que eu o encontrei antes de você.

— O homem da livraria disse que você pechinhou, mas não chegaram a um acordo sobre o preço. Se você o quer, eu abro mão.

¹⁰ Masaoka Shiki (1867-1902). Haikaísta, tankaísta e crítico literário. Foi responsável pela modernização de poemas do gênero haikai e waka, conhecido também como tanka. Defendeu Naturalismo.

¹¹ Yosano Tekkan (1873-1935). Tankaísta. Foi líder do movimento de renovação do waka, mas sua tendência é romântica.

¹² *Kinpeibai*: epopéia chinesa da Dinastia Ming.

— Não tem importância. Já que somos vizinhos, empreste-me depois de lê-lo.

Concordei com prazer. Assim, Okada e eu, que até então nem tínhamos tomado conhecimento do fato de morarmos em quartos contíguos, começamos a nos visitar com frequência.

CAPÍTULO II

Desde aquela época, já havia a mansão da família Iwasaki no lado sul da ladeira Muenzaka, mas ainda não possuía seus imponentes muros de argila. O que havia eram muros de pedra feios e podiam se ver as samambaias e cavalinhas crescendo entre as pedras cobertas de musgo. Mesmo agora, não sei se o terreno além dos muros é plano ou elevado em colinas, porque nunca estive lá dentro. De qualquer modo, havia grande quantidade de árvores de espécies diversificadas que cresciam fartas e selvagens e da rua podíamos ver até suas raízes, deixando perceber que o capim em torno delas crescia abundantemente e era raramente cortado.

No lado norte da ladeira, havia casas simples construídas lado a lado e dentre elas a mais bonita e apresentável era uma cercada de muros de tábuas que fora uma casa de comércio, enquanto que as outras eram habitadas por artesãos. De comércio, havia apenas lojas de utensílios domésticos e tabacaria. Entre as casas, a que mais chamava a atenção dos passantes era a de uma professora de corte e costura, de onde, durante o dia, eram vistas, através das janelas gradeadas de madeira, muitas moças com seus trabalhos. Nos dias agradáveis, as janelas ficavam abertas e quando nós, estudantes, passávamos, as moças que tagarelavam animadamente erguiam seus rostos para espiar. Em seguida, continuavam a rir e a tagarelar. Ao lado desta, havia uma residência cuja porta gradeada de madeira estava sempre bem lustrada e o piso da entrada era incrustado de granito, e nas vezes em que eu passava ao entardecer encontrava o chão sempre com água espargida. No tempo frio, as portas de *shôji*¹³ permaneciam fechadas. No calor, as cortinas de bambu ficavam abaixadas. Por causa da animação da casa da costureira, essa casa sempre parecia se recolher em quietude.

Aproximadamente no mês de setembro do ano desta história, Okada, pouco após retornar de sua casa no interior, saiu para sua usual caminhada após o jantar e, passando por perto da sala de anatomia instalada provisoriamente no velho prédio do palácio do clã Kanazawa, quando

¹³ Shoji: portas ou janelas de correr nas habitações japonesas que utilizam papel branco no lugar de vidro.

descia pela ladeira Muenzaka encontrou, ao acaso, uma mulher retornando da casa de banho público e a viu entrar na casa solitária, vizinha à da professora de costura. Como o clima estivesse quase outonal, as pessoas não saíam à rua para se aliviar do calor, e quando Okada se aproximou a Muenzaka estava vazia. Foi nesse momento que a mulher se dirigiu à entrada daquela casa silenciosa e estava para abrir a porta mas ouviu o ruído dos tamancos de Okada, o que a fez deter o gesto e voltar seu rosto.

Ela e Okada se entreolharam.

A mulher vestia um quimono de verão sem forro de crepe azul-índigo e usava uma faixa dupla de cetim preto e marrom. Com a fina mão esquerda carregando languidamente um cesto de bambu finamente trançado — contendo pequena toalha, saboneteira, saquinho de farelo para limpeza de pele e esponja —, e a mão direita na porta, ela virara-se para ele, mas não causou em Okada nenhuma impressão especial. Ele apenas notou o cabelo recém-penteado no estilo de folha de ginkgo¹⁴, as mechas laterais tão finas quanto as asas de uma cigarra, e viu o perfil de seu nariz reto no rosto oval com algo de solitário, sua testa e as maçãs do rosto dando a impressão de estarem um tanto achatadas. Essas foram apenas impressões momentâneas, ele já a esquecera completamente antes mesmo de chegar ao fim da ladeira.

Porém, dois dias mais tarde, foi novamente para os lados de Muenzaka e quando se aproximou da casa com a porta de correr gradeada, subitamente se lembrou da mulher que retornava do banho e lançou um olhar para sua casa. Havia uma janela de peitoril com seus canos de bambu verticalmente posicionados e duas barras finas de madeira horizontalmente presas com tiras de cipó. A *shôji* da janela estava aberta cerca de um pé e mostrava um vaso de rhodea japonesa, ornamentado com cascas de ovos ao redor. Como observava com alguma atenção estes detalhes, diminuiu os passos e levou alguns segundos até alcançar a casa.

No exato momento em que chegou na frente da casa, inesperadamente, surgiu um rosto branco sobre o vaso de rhodea, no cenário que até então estava mergulhado em escuridão acinzentada. E, mais ainda, esse rosto sorria para ele.

Daí em diante, não havia ocasião em que passasse sem ver o rosto da mulher. Às vezes, ela invadia sua imaginação e, gradualmente, sua imagem foi tomando conta de sua mente. Surgiu nele a dúvida se ela esperava que ele passasse ou simplesmente olhava para fora distraída e se

¹⁴ Ichôgaeshi: um dos penteados tradicionais de mulher que surgiram na Era Edo e continuaram sendo usados até por volta de 1920.

defrontava com ele por acaso. Daí, relembra os dias anteriores ao que vira a mulher voltando do banho, tentando descobrir se ela estava na janela olhando para fora da casa ou não, mas tudo o que podia lembrar era que a casa vizinha à da professora de corte e costura estava sempre limpa e parecia solitária. Certamente, ele já imaginara que tipo de pessoa estaria vivendo ali, mas nem isto estava bem certo. Parecia que as *shôjis* estavam sempre fechadas, assim como as cortinas de bambu e por trás a casa cerrada em silêncio. Finalmente, ele concluiu que talvez a mulher abrisse a janela e esperasse sua passagem.

Cada vez que passava, eles se olhavam e entre um encontro e outro ia pensando nestes detalhes; Okada gradualmente foi se afeiçoando à “mulher da janela”. Decorridas duas semanas, em um anoitecer, ele tirou o boné em um reflexo natural e a cumprimentou ao passar pela casa. No mesmo instante o rosto da mulher se tingiu de vermelho e seu sorriso triste se tornou radiante. Desde então, ao passar, Okada sempre saudava a mulher da janela.

CAPÍTULO IV¹⁵

Eu soube da identidade da mulher da janela muito mais tarde, quando os acontecimentos desta história, que tem Okada como protagonista, já pertenciam ao passado, mas é conveniente contar agora de forma resumida.

A narrativa volta aos dias em que a faculdade de Medicina estava localizada em Shitaya. O velho quartel-general do Lorde Todo fora transformado em um dormitório de estudantes, cujas janelas de barras verticais de madeira, grossas como o braço de um homem, estavam dispostas a grandes intervalos no paredão em que umas telhas cinzas foram cimentadas formando um xadrez. Assim dizendo, embora eu lamente fazer esta comparação, os estudantes viviam como animais lá dentro. Claro que não se pode ver janelas como aquelas hoje em dia, exceto nas torres de observação do Palácio Imperial, e mesmo as barras das gaiolas dos leões e tigrês no zoológico de Ueno são mais frágeis do que aquelas.

O dormitório tinha criados que os estudantes podiam usar para pequenas tarefas. Estudantes trajando *hakama*¹⁶ e faixas de algodão branco na cintura costumavam enviá-los para comprar alguma coisa barata para

¹⁵ O breve Capítulo III descreve os gostos literários de Okada, sua fantasia sobre o tipo da mulher ideal: tal como uma beldade trágica que aparece numa epopéia chinesa.

¹⁶ Hakama: calças largas e pregueadas, usadas sobre o quimono, principalmente por homens.

comer, como *yokan* e *konpeitô*¹⁷. Na realidade, *yokan* era batata doce assada e *konpeitô* era ervilha torrada, detalhes esses que vale a pena registrar para servir de referência.

Um destes criados se chamava Suezo. Os outros homens eram muito barbudos e no meio da barba se viam as bocarras sempre abertas, mas ele se mantinha sempre bem escanhoado e na marca azulada da barba só se via seus lábios finamente apertados, em linha reta. Os outros vestiam roupas sujas de algodão cru, enquanto Suezo estava sempre asseado e, algumas vezes, comparecia ao trabalho trajando seda e um avental.

Não sei quem me contou que Suezo emprestava dinheiro para estudantes que precisassem. Claro que era apenas cinqüenta sens ou um iene por vez. Mas, o valor gradualmente cresceu para cinco, para dez ienes. Suezo fazia o devedor assinar uma nota promissória e se não pagasse até o final do prazo estabelecido, tal promissória era renovada. Acabou se tornando um agiota de verdade. Não tenho a mínima idéia de onde ele conseguira seu capital. Certamente não era a economia obtida com os dois sens pagos pelos estudantes pelos pequenos serviços, mas é verdade que nada é impossível para um homem que concentra toda sua energia no que pretende realizar.

De qualquer forma, quando a faculdade de Medicina se mudou de Shitaya para Hongo, Suezo não era mais um criado. Porém, a casa para a qual ele havia se mudado em Ike-no-Hata¹⁸ era continuamente visitada por um número considerável de estudantes insensatos.

Quando ele começou a trabalhar para a universidade, já passava dos trinta anos, e, apesar de pobre, tinha esposa e filhos. Contudo, desde que conseguiu uma pequena fortuna através da agiotagem e mudou para a nova casa, começou a se sentir insatisfeito com a esposa, que era feia e briguenta.

Nessa época, lembrou-se de uma certa mulher que vira algumas vezes no caminho para a Universidade ao sair de sua casa dos fundos de Neribei-cho e passando pela ruela apertada. Havia uma casa em semipenumbra, na qual as tábuas da tampa que cobriam o valão na entrada estavam parcialmente quebradas e a porta de correr entreaberta o ano todo. À noite, quando ele passava pelo local, tinha que seguir obliquamente por causa de uma carroça estacionada sob o beiral do telhado, ocupando a rua já estreita. O que primeiro atraiu a atenção de Suezo para a casa foi o som

¹⁷ Yokan: doce semelhante à goiabada, feito de massa de feijão azuki; konpeitô: balinhas coloridas em forma estrelada.

¹⁸ Ike-no-Hata: literalmente significa “beira do lago”.

de exercícios de *shamisen*¹⁹ lá dentro. Então, descobriu que quem tocava o instrumento era uma adorável garota de quinze ou dezesseis anos. Ela estava sempre bem asseada e o quimono elegante que vestia, embora simples, destoava da aparência pobre da casa. Se ela estivesse na porta, assim que visse um transeunte se aproximar, voltava para o escuro interior. Suezo, com sua natureza perspicaz, embora sem investigar particularmente o assunto, descobriu que o nome da garota era Tama, que sua mãe havia morrido e que vivia com seu pai, que vendia doces artesanais em sua carroça no bairro de Akihabara. Então, um dia ocorreu uma reviravolta na vida pacata dos habitantes dessa casa. Passando ali uma noite, Suezo notou que a carroça havia sumido de seu lugar sob o telhado. E a casa e seus arredores, sempre recolhidos, foram atacados pelo que os modernos chamam de “civilização” por novas tábuas que substituíram a tampa de valão quebrada e uma nova porta de madeiramento xadrez. Uma vez, Suezo percebeu um par de sapatos masculinos na entrada. Pouco depois, uma nova plaqueta com o nome de um policial “fulano de tal” foi colocada no lugar da antiga²⁰. Suezo teve conhecimento, sem necessidade de investigar, enquanto fazia suas compras nas redondezas, que o velho vendedor de doces possuía agora um genro. Era o tal policial que tinha seu nome na plaqueta. Para o velho homem, cuja filha era a menina de seus olhos, a perda de Otama²¹ para o policial de cara pouco simpática foi tão terrível quanto se ela tivesse sido raptada por um ogro e temia o desconforto causado pela intrusão desse genro e, quando recebeu a proposta, tinha se aconselhado com muitos confidentes, mas nenhum lhe sugeriu que o recusasse. Um deles dizia: “Eu lhe disse, não disse? Quando eu quis arrumar um bom partido você foi melindroso, dizendo que não poderia dividir com ninguém sua única filha. Agora apareceu um genro para o qual você não pode dizer não”. Um outro ainda deixou o velho meio assustado, dizendo: “Se não quer aceitar o homem, a única solução é mudar para longe, mas já que ele é policial, ele o encontrará e fará novamente sua proposta. Não há como escapar”. Uma dona casada, que tinha a reputação de ser uma pessoa experiente, teria dito: “Eu não lhe avisei para entregá-la a uma casa de gueixas, já que ela é bonitinha e a professora de *shamisen* elogiou sua habilidade? É óbvio que um policial solteiro pode ir de porta em porta e quando encontra uma carinha bonita ele a toma quer queira ou

¹⁹ Shamisen: instrumento musical japonês de três cordas sobre uma caixa quadrada e de longo braço: é tanguêdo por um plectro de marfim.

²⁰ Na residência japonesa coloca-se junto à entrada uma plaqueta com o nome do morador.

²¹ Era costume a colocação do prefixo “o” em nomes de mulher em sinal de carinho ou intimidade.

não, e você não pode fazer nada a não ser aceitar sua má sorte — já que ela o cativou, mesmo sem querer”. Cerca de três meses depois de Suezou ouvir estes rumores, ele notou numa manhã que a porta da casa do velho vendedor de doces artesanais estava lacrada e que um anúncio colocava a casa para alugar. Então, perguntando aos vizinhos, enquanto fazia as compras costumeiras, Suezou soube que o policial tinha mulher e uma filha em sua terra natal, as quais apareceram de surpresa, ocasionando uma grande confusão. Otama saiu correndo de casa dizendo que se jogaria no poço para se matar, mas uma vizinha que bisbilhotava ouviu a briga e conseguiu impedir a garota de cometer essa loucura. Quando o policial ia se tornar seu genro, o velho consultou a opinião de vários amigos, mas nenhum deles tinha conhecimento suficiente sobre assuntos legais, por isso o velho não se preocupou em verificar a situação de registro civil do homem nem procurou saber como havia sido registrado o casamento da filha. Quando o policial lhe disse, torcendo o bigode, que tomaria todas as providências, não teve nenhuma suspeita. Na época, havia uma garota que trabalhava num armazém de Kitazumi, de tez clara e rosto arredondado com o queixo excepcionalmente curto e os estudantes a chamavam de “sem-queixo”. Ela disse a Suezou: “Eu realmente sinto por Taa-tchan — ela era honesta e não duvidou do policial, mas a intenção dele era apenas procurar um lugar para viver”. E o dono do armazém, de cabeça raspada como um bonzo, interrompeu: “É lastimável pelo velho também. Ele se mudou porque se sentia tão envergonhado que não podia suportar ter de encarar os vizinhos. Mas ainda vende doces no mesmo lugar, dizendo que não pode trabalhar onde não tenha crianças. Há pouco tempo ele tinha vendido sua carroça, que foi colocada para revenda numa loja de objetos usados, mas ele explicou a situação e a comprou de volta. Eu penso que esteja com sérios problemas financeiros, por causa da mudança e tudo o mais. É como se por algum tempo aquele homem vivesse num sonho de tranqüila aposentadoria, quando o policial agindo como um grande senhor bebia saquê e o obrigava a fazer companhia — ele que nem bebia tanto assim — enquanto sua esposa e a filha passavam fome no interior”, falou passando a mão sobre a cabeça. Depois disso, a filha do vendedor de doces tinha sumido da mente de Suezou, mas, quando ele se estabilizou financeiramente e pode permitir-se certa liberdade, lembrou-se dela.

Agora, com um vasto círculo de relações para fazer sua proposta, Suezou procurou pelo velho vendedor de doces e finalmente encontrou seu paradeiro quadras próximo a uma garagem de riquixá, atrás do Teatro Ryuseiza. Otama continuava solteira. Então, Suezou apresentou, através de

uma intermediária, a oferta de um próspero comerciante disposto a tomá-la por concubina. A despeito das objeções iniciais de Otama, que não queria se tornar concubina, sua natureza dócil a fez aceitar devido às vantagens que seu pai teria com o arranjo, e as negociações prosseguiram até o ponto em que as partes concordaram em se encontrar no restaurante chamado Matsugen.

CAPÍTULO VII²²

(...)

Apoiado na coluna de *tokonoma*²³, Suezo observava a fumaça do cigarro.

Então ele ouviu os passos de duas ou três pessoas no corredor. “Seus convidados”, anunciou a empregada, mostrando a face entre os *shôjis*. “Venham! Entrem! Não façam cerimônia! O senhor é um tipo bem acessível”, dizia a velha que serviu de intermediária com uma voz esgançada que lembrava o canto de uma espécie de grilo.

Suezo levantou-se e saiu apressadamente para o corredor. Ele viu a figura hesitante do velho parado na esquina do corredor e, atrás dele, Otama. Sem parecer intimidada, ela observava tudo com curiosidade. Aquela imagem do rosto arredondado da garota se transformara em um belo rosto ovalado. O tempo a havia modificado. Seu corpo estava mais esbelto, ela era uma beldade esguia e graciosa. Usava um penteado apropriado para uma mulher adulta, mas sem a maquiagem costumeira para estas ocasiões. Suezo havia se preparado para apreciar sua beleza, mas não esperava que ela pudesse ser assim tão bonita. Estava além do que ele esperava. Examinou-a com avidez e ficou inteiramente satisfeito. Otama também estava surpresa. Havia decidido a vender-se para salvar o pai da miséria, independente de quem fosse o comprador. Tinha se preparado para não se importar com a aparência do comerciante, como quer que ele fosse. Mas, vendo as feições morenas de Suezo, os olhos agudos, mas cativantes e seu traje discreto e elegante, ela se sentiu momentaneamente aliviada, como alguém que escapa de uma situação irremediável.

“Por favor”, disse Suezo polidamente ao velho, “entre”, apontando para o interior da sala e dirigindo-se a ela em seguida: “Venha”. Depois que

²² Os capítulos V e VI narram os cuidados e esperteza de Suezo na busca de uma casa para instalar Otama e nas negociações para torná-la concubina, revelando um homem mesquinho e egocêntrico, mas fingindo ser um próspero comerciante e até permitindo certa extravagância; e finalmente a apresentação das partes interessadas, que acontece na sala reservada de um restaurante.

²³ Tokonoma: um nicho junto à parede da sala em estilo tradicional onde se colocam obras de arte ou arranjos florais.

os dois entraram na sala, Suezio chamou a intermediária para um canto do corredor, colocou em sua mão uma quantia em dinheiro embrulhada em papel e lhe sussurrou alguma coisa. A mulher sorriu, exibindo seus dentes manchados com traços de *ohaguro*²⁴ e curvando-se muitas vezes para demonstrar seu apreço, afastou-se com passos rápidos pelo corredor, rindo numa expressão mista de respeito e deboche.

Quando Suezio retornou, encontrou seus convidados comprimidos junto à entrada e, gentilmente, ofereceu-lhes lugar para sentar e fez os pedidos para a empregada que aguardava. Logo foram trazidos saquê e alguns aperitivos. Suezio serviu saquê ao velho e trocou algumas palavras com ele, que demonstrou ter tido dias melhores e que não era como as pessoas que entram pela primeira vez em um lugar de luxo.

No começo, Suezio estava aborrecido com a presença do velho, mas aos poucos o seu sentimento foi se atenuando e, inesperadamente, começaram a falar de assuntos que tocavam o fundo do coração. Procurando ser amável para mostrar o que de melhor havia nele, sentiu, no seu íntimo, que estava feliz por ter uma oportunidade de ganhar a confiança de Otama.

Quando os pratos chegaram, o ambiente da sala já parecia um jantar em família que, depois de um passeio, tivesse ido ao restaurante. Suezio, que em casa era um tirano, com sua esposa alternadamente revoltando-se e sendo subjugada, experimentou pela primeira vez um sentimento delicado e discreto prazer vendo Otama, que depois que a empregada se retirou, tomou do pote de saquê e o serviu com a face corando de vergonha e revelando um modesto sorriso. Suezio sentiu intuitivamente uma imagem de felicidade que flutuava como um fantasma na presença de Otama, porém não tinha sensibilidade suficiente para refletir sobre as razões que explicassem porque sua vida doméstica era totalmente desprovida dessa felicidade, nem considerar quanto seria necessário para sustentar este sentimento raro. Nem foi capaz de avaliar se era possível ou quanto custaria para manter essa felicidade com sua esposa e se isso o satisfaria.

(...)

(Gan: 1911)

²⁴ Ohaguro: tintura de dentes com o pigmento do ferro oxidado. Era uma prática comum entre as mulheres casadas, que se perdeu com a modernização.